

Resumo da Palestra.

As Queimadas de origem antrópica na Amazônia ganharam notoriedade a partir de 1985, quando imagens de satélites meteorológicos NOAA processadas no INPE mostraram pela primeira vez sua magnitude, tanto em número de ocorrências como em abrangência espacial. Inicialmente, a devastação das queimadas foi denunciada pela imprensa, e em alguns anos a comunidade científica passou a estudar as conseqüências ambientais resultantes. Como resultados imediatos, destacaram-se o primeiro "pacote ecológico" do País, o Programa Nossa Natureza, e a própria constituição do PREVFOGO no IBAMA, e do próprio Ibama. Nos anos 90, o monitoramento das queimadas foi gradativamente operacionalizado, indicando centenas de milhares de focos todos anos, em particular na Amazônia, e o número de usuários das informações em tempo-quase-real passou a crescer, com destaque para a Operação Mata-Fogo no estado de São Paulo. A noção do desmatamento e das queimas associadas como elementos importantes no contexto de possíveis mudanças climáticas do planeta e inúmeras resoluções da "Rio-92" também decorreram dos dados de queimadas na Amazônia deste período.

Em 1995, o aumento na detecção de focos nas imagens NOAA indicou aumento anormal, quando se constatou o recorde histórico (nos dados INPE a partir de 1987) de desflorestamento, ~30.000 km² – e cujo mapeamento feito alguns anos depois, decorreu das detecções de focos. Com os grandes incêndios de 1997 no sul da Amazônia, e de março de 1998 em Roraima, também devido à ampla repercussão nos meios de comunicação, foi criado o monitoramento de queimadas por meio do Proarco, em parceria entre IBAMA e INPE. Em função das novas possibilidades em informática, de baixo custo para gerar produtos, de fácil e ampla divulgação de dados pela internet, e da integração com sistemas de informação geográficas, cresceu muito o número de usuários no país (hoje com cerca de 500 cadastrados, além de milhares avulsos semanalmente), e foram desenvolvidos sistemas semelhantes para países vizinhos. As informações são usadas por equipes de campo no combate às queimadas e incêndios florestais, na contenção de desflorestamentos, e no planejamento do calendário de queimas, entre outros.

Em 2004, o aumento significativo dos focos de queima em Mato Grosso indicou novo aumento no desflorestamento, que pelos dados do INPE divulgados em maio/2005, chegou ao segundo pico registrado, de ~26.000 km². Em Abril/2005, conforme relatório IBGE a partir de dados dos municípios do País, as queimadas foram consideradas a causa mais importante de poluição ambiental, e os dados do monitoramento dos focos por satélite serviram de base para interpretação dos dados. O relatório oficial de emissões do Brasil para os cálculos dos gases do "efeito estufa" aponta que 75% das emissões nacionais têm origem nas queimadas da Amazônia, e não de queima de combustíveis fósseis como na maioria dos países. Na classificação global entre as nações, estas emissões nos colocam em 5^o. lugar.

O monitoramento da queimadas e incêndios por satélite, a divulgação ampla dos dados, e a vasta literatura científica decorrente fez com que os mesmos fossem considerados negativos ao meio ambiente – salvo em poucas exceções, como as naturais (por raios) no Cerrado, e as de controle de insetos, havendo consenso que devem ser evitadas. Porém, a realidade mostra seu aumento ao longo dos anos, em particular na Amazônia, provando que mesmo com todas evidências contra elas, com legislação adequada para coibi-las, e com monitoramento por satélite bastante eficiente, o controle esperado não está ocorrendo. No presente, nos encontramos neste impasse, e iniciando a segunda fase desta questão, que objetiva a redução do uso descontrolado do fogo na vegetação no país.

A palestra resume a seqüência histórica indicada acima, ilustrando-a com documentos, e com dados e produtos técnicos de detecção por satélites e de cálculo de risco de fogo gerados no decorrer dos 20 anos de monitoramento de queimadas.